

OPINIÃO

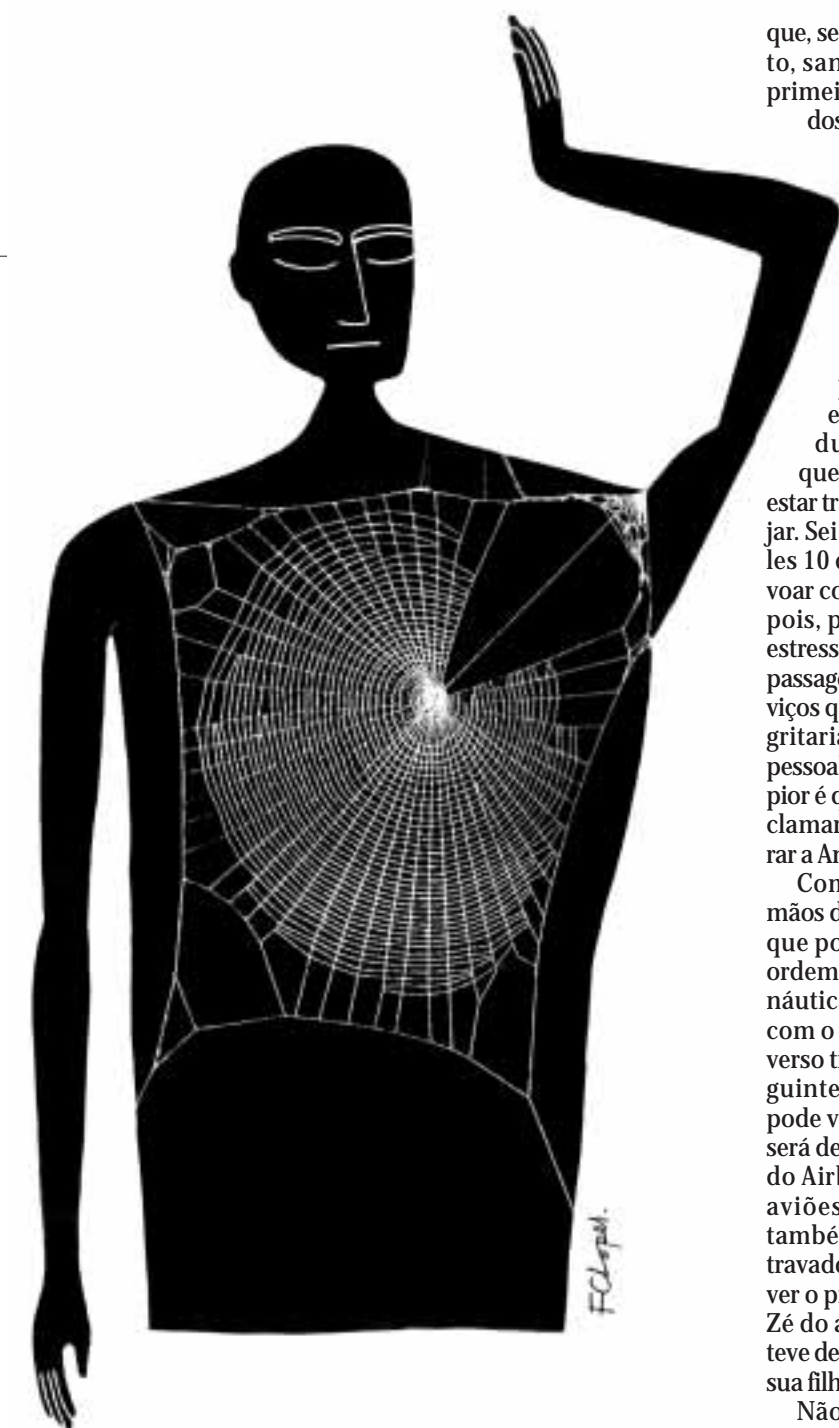
O reverso do Airbus do presidente


MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

Reverso é aquele dispositivo mecânico colocado nas turbinas dos aviões. Tem por finalidade ajudar a frear as aeronaves nos momentos de aterrissagem. É um dos freios aerodinâmicos mais eficientes das aeronaves. Reverso quer dizer virado, avesso. Diz-se da peça que fica em posição contrária a seu estado normal. Como os aeroportos nacionais são, em regra, curtos e sem áreas de escape, não se pode dispensar seu uso. O acidente em Congonhas com o avião da TAM prestou a fim de deixar claro para que serve o reverso. Ou, pelo menos, para o que se esperava que servisse.

Meu pai gostava de contar uma velha história extraída de *Lendas do deserto*, narrada por Malba Tahan. Ele a traduzia assim. Uma pessoa padecia nos confins do inferno. Por séculos e séculos ali vivia sem a mínima chance de se libertar do inominável sofrimento. Arrependido da vida devassa que passou na Terra, lamuriava-se, queixava-se, persignando-se todos os dias do bem que nunca fizera. Essa contrição chegara aos ouvidos do Senhor da Compaixão. Um anjo foi o emissário para se avistar com ele.

— Na sua passagem pela Terra não te lembras de algum bem que tenhas praticado? — perguntou-lhe o anjo. — Não, disse ele. — Vou dar-lhe mais tempo. Pense, reflita bem se não praticaste ao menos uma boa ação, por menor que seja, em favor de alguém. — Fui perverso, malvado, celerado. Sempre agi com extremo egoísmo. Nada, nada fiz que servisse para purgar o mal dos pecados de minha inútil vida terrena. Novamente insiste o anjo. — Não te recordas de teres poupado sequer a vida de algum animalzinho, de um insetozinho? — Não, não me lembro. Espera. Para lhe ser franco, a única coisa, sem a menor importância, que posso dizer que fiz, foi que salvei, certa vez, a vida de uma aranha. Caminhava por um bosque e a vi na trilha em



que passávamos. Levantei o pé para matá-la. Não sei o que me deu na telha, mas deixei-a que prosseguisse.

— Pois é, olhe para cima — disse o anjo. O condenado virou-se para o céu e viu naquele instante uma teia descida das alturas e estendida diante dele. — Agarre-se a ela. Foi a aranha que tu salvastes na Terra que a colocou aí, replicou o anjo. Não deu outra. O infeliz se enroscou na teia, iniciando alegremente a escalada. Afinal, se libertaria do fogo eterno do inferno e alcançaria as glórias do céu. Quando se achava em direção ao paraíso, grudado à teia, deu conta de que,

mais embaixo, na ponta de onde a pegara, outros condenados também a escalavam. — Não, não, protestou. — Essa teia é só para mim. Larguem-na. É só minha. Nesse exato momento, a teia se partiu e o condenado chafurdou-se novamente nas chamas do inferno. O egoísmo liquidara com sua salvação.

Não entendo de avião. O fabricante do Airbus deve ter suas razões técnicas para afirmar que o avião com reverso travado pode continuar voando por mais 10 dias. Acho, na minha ignorância, que isso é um absurdo. Não sei se porque eu e o avião não nos damos nada bem, mas a verdade é

que, se uma peça está com defeito, santo Deus, consertem-na primeiro. Depois, com algumas doses de uísque na cabeça ou sedado, quem sabe, a gente pode até voar.

Feita essa constatação de que minhas relações com o avião não são boas, tenho mais a acrescentar. De reverso travado e na TAM, voar para mim só mesmo em estado de necessidade. Por duas razões. A primeira é que não sei se o reverso pode estar travado quando tiver de viajar. Sei lá se pego o avião naqueles 10 dias em que se diz poder voar com o bendito travado. Depois, porque não quero viver o estresse que a TAM inflige a seus passageiros com os péssimos serviços que tem prestado. Aprontar gritaria e trocar sopapos com o pessoal da TAM não fica bem. E o pior é que não se sabe a quem reclamar. De nada adianta procurar a Anac ou a Infraero.

Como todos estão agora nas mãos do xerife Jobim, é aguardar que possa colocar as coisas em ordem. O comandante da Aeronáutica já avisou. Nada de voar com o Airbus 319 de Lula de reverso travado. A pergunta é a seguinte: e o povo, comandante, pode voar de reverso travado ou será determinado, como no caso do Airbus presidencial, que os aviões da TAM se abstenham também de voar com o reverso travado? Tanto tem direito de viver o presidente Lula quanto seu Zé do açougue da esquina, que teve de viajar para salvar a vida de sua filha internada em São Paulo.

Não quero dizer que o presidente Lula esteja errado. Já avisou que, com reverso travado, nem pensar em voar. Faz bem. E o povo? Ora, o povo. O povo vai ter mesmo de aguardar até que o novo presidente da Infraero arrume as coisas e a Anac cumpra seu papel de agência reguladora do sistema. A saída de seus atuais diretores já seria o primeiro passo. Até agora, um deles que ganhou da TAM passagem e hospedagem de graça para viajar para Nova York continua no posto. E ainda continua a fiscalizá-la. Até quando?

O cuidado dispensado a um deve ser também dispensado a todos. O egoísmo é pecaminoso. Não basta salvar a aranha. É preciso não deixar que a teia se rompa.


ARI CUNHA
visto, lido e ouvido

Desde 1960

 ari.cunha@correioweb.com.br
Circe Cunha (interina) // circe.cunha@correioweb.com.br

Contra o cerrálcool

Enquanto o biocombustível toma corpo, as árvores do cerrado vão se contorcendo de pavor. Mais da metade dos 205 milhões de hectares originais foram completamente destruídos pela plantação de algodão ou soja, além da pecuária. No mesmo ritmo de destruição, o cerrado tende a sobreviver apenas nas áreas protegidas, graças ao ex-deputado distrital Cafu. A PEC 115 de 1995 fecharia de uma vez por todas os olhos do lucro. Mas patina sem sair do lugar. Difícil convencer os parlamentares do valor de uma terra que esconde a beleza nas sementes, na proteção dos troncos e galhos que, preparados para o fogo, sobrevivem à maldade humana nos fornos clandestinos. Quase impossível encontrar alguém que faça leis enxergarem o balé nos movimentos das árvores que dançam jogando as folhas no chão para proteger a terra seca. São poucos os que percebem a vida silvestre abundante. Os berços de onde brotam as águas, as cachoeiras, flores, o céu estrelado, pássaros, mamíferos e peixes que só se encontram aqui. Brasília já não tem calçadas. Ainda há tempo de impedir que o cerrado se transforme em carne, algodão, soja ou combustível.

A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

“Tudo o que está acontecendo é por falta de ética, responsabilidade, disciplina, moral e cultura cívica.”

Brigadeiro José Carlos Pereira, dizendo o que pensa sobre o que sucede atualmente na aviação brasileira e no comportamento das autoridades

Lembrança

Quando a Varig usava os Super Constellations, as poltronas eram organizadas em dois pares. Largas, confortáveis. Na passarela havia lugar para carros servindo comida em pratos de porcelana, talheres de metal e cristais. Os vinhos eram todos franceses. Hoje seria exagero. O que o ministro Nelson Jobim determinou foi comodidade para quem viaja.

Resumo

O presidente Lula anunciou em viagem ao exterior que o Brasil será transformado num canteiro de obras. Vai bem. Automóveis em profusão, sem ruas nem estradas. Rios correndo, sem navegação entre cidades. Oito mil quilômetros de mar, sem cabotagem. Aviação com tendência a cair do primeiro grau de classificação. Agricultura em produção crescente, sem meios de transporte. Alunos sem professores, e presos sem cadeia.

Parapan

No Rio, entidades governamentais com peso em participação no PIB nacional formam parcerias importantes com o projeto Comunidade Integrada ao Parapan. A TV Pública da Radiobrás bem que poderia transmitir as

competições a partir de hoje. Seriam pontos no lbope.

Conselho

Passa por apuros a ministra Marta Suplicy. Pediu à Embratur que se comunique com os escritórios no Japão, Europa e Estados Unidos para manter a divulgação do turismo sobre o Brasil, belezas naturais e tal. O temor é que as notícias sobre o caos nos aeroportos cancelem alguns pacotes. Que é isso, ministra! Relaxa!

Moderada

Sardemberg, entre as notícias de economia e política na CBN, explicou a razão de Cuba não ter medalhistas de ouro na natação. É que os campeões já fugiram a nado para os Estados Unidos.

Vida real

Quem está acostumado a cobrir notícias sobre a reforma política nem deu importância ao escândalo de Santa Catarina. O polidor de carros fugiu com a sogra. A mulher entendeu, e disse que, se fosse por amor, ele estaria livre. Há indícios de que a traída não sofreu porque já tinha um amante. Só quando o sogro esmurrou a mesa a festa acabou.

Queremos ministros grandes


JAIME PINSKY
Historiador e editor, é autor, entre outros livros, de O Brasil tem futuro? (Editora Contexto) www.jaimepinsky.com.br

Com os seus divulgados 110kg espalhados por 1,90m de altura, o ministro Nelson Jobim anunciou que as companhias aéreas devem rever sua política de colocação de assentos nos aviões. Segundo ele, não há o mínimo de conforto nas aeronaves “redesenhadas” para receber mais uma ou duas fileiras de poltronas, com a finalidade de transportar mais gente e aumentar o faturamento das empresas.

A medida é muito boa e torço para que ela se efetive. Mesmo tendo medidas bem mais modestas, apenas 1,80m de altura e menos 87kg (ainda excessivos, segundo meu implicante cardiologista), não posso negar ter perdido o prazer que tinha nas viagens aéreas. Muito pelo contrário — embora não tenha chegado ao ponto de embarcar e confiar apenas em Deus —, e confesso encará-las com profundo desagrado a ponto de ter deixado de aceitar convites para palestras que implicavam viajar de avião.

Um amigo diz que o avião não tem mais graça. Ele se lembra do tempo em que tomar um simples cafezinho em Congonhas era atividade social da juventude de classe média, época em que viagem era um verdadeiro ritual, com a presença de parentes e amigos na partida e no retorno. Eu nem quero tanto, mas convenhamos que finalizar uma viagem aérea hoje em dia deveria nos garantir medalhas: para chegar até o aeroporto temos que enfrentar o trânsito típico das cidades brasileiras, mal organizadas e com excesso de veículos.

Os aeroportos, lotados, não oferecem conforto, apesar de sua cara de mausoléu cheio de granito. Em troca, eles nos torturam com aparelhos de televisão tonitruantes, que nos perseguem em todos os cantos, não nos permitindo sequer o conforto da leitura. No check-in, somos avisados de que nossa mala de mão não é mais considerada de mão. Uma muda de roupa, material de higiene, uma agenda e um livro só podem viajar no porão do avião, e aí, sim, temos que seguir a sugestão do presidente Lula: rezar para que haja um reencontro feliz entre nós e a mala.

Finalmente, achamos um canto em que a voz monótona de Ana Maria Braga — ainda a TV — não alcança, e abrimos

nosso livro, tentamos ler um pouco. Aí encontramos outras ameaças. O celular, nos preveniram, não deve ser usado em aeroportos, sob risco de clonagem. Sem se preocupar com isso, alguns executivos — ou figuras que querem se passar por executivos — usam o aparelho para, aos berros, dar ordens de compra e venda de ações, ou exigir providências urgentes de seus subalternos sobre assuntos supostamente sigilosos. E aí o primeiro aviso: nossa aeronave decolará “logo depois que pousar” (!). Explicando melhor, a saída não atrasou, o que atrasou foi a aterrissagem. E sem aterrissar o avião não decola.

Pronto, começou. Quatro horas depois, consigo a informação de que a aeronave (sempre ela, porque não usam simples aviões?) pousará “a qualquer hora”, mas, sim, dá tempo de almoçar calmamente. A empresa aérea paga? Claro que não, não é atraso nosso, mas do outro aeroporto que tinha neblina, ou chuva, ou falta de teto, ou excesso de tráfego aéreo. Vou para o restaurante e pago a refeição do próprio bolso, com medo de não ouvir os avisos da chegada do meu voo. Não deveria me preocupar: o “qualquer hora” demorou hora e meia.

Enfim embarcadas, as pessoas entram ansiosas e se espremem,

dando joelhadas nos rins do passageiro da frente. Depois de mais algum tempo, ar-condicionado desligado (mais medida de economia), rostos suados e pressão arterial baixando, ouvimos o aviso de que o avião (desculpe, a aeronave) vai decolar. Pelo menos partimos. Com sorte e, como diz o outro, ajuda de Deus, chegaremos.

Olha só o que a crise aérea está causando: minha intenção não era contar uma viagem aérea, mas fazer simples comentário a respeito das vantagens de se encontrar certo tipo de gente para certos cargos. Um ministro grande talvez resolva o problema das poltronas muito próximas nos aviões, assim como um prefeito com alergia às placas gigantes atacou o problema que nenhum outro antes tivera a coragem de enfrentar. Aí está, talvez, um bom critério para a escolha de ministros, secretários, prefeitos e até presidentes. Autoridades da educação que tenham alergia a escolas que não ensinam; pessoal da saúde que não se sintam confortável com atendimento de má qualidade; secretários municipais que tenham ojeriza a fiscais corruptos; dirigentes de cultura que se sintam mal com a pouca difusão da leitura no país. Fica a idéia.